

INFÂNCIAS SILENCIADAS: O SONHO COMO ATO DE RESISTÊNCIA

LUCIO, Dayane Teles¹
SANTOS, Gabriella Matias dos²
NOBRE, Nilda Marina Santana Piaui³
VELOSO, Maria Camila Laurentino⁴
MACEDO, Maria do Socorro Barbosa⁵

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão, ainda que inicial, acerca da relação do sonho -ato imaginativo- mobilizador e as crianças do quinto ano de uma escola pública localizada no sertão de Alagoas. Sonho como desejo e de aspiração em habitar outros cenários para além dos espaços já vividos. O objetivo principal é compreender como a escola pode ser potencialmente um território produtor da liberdade de pensar, expressar e produzir espaços de acolhimento e auto reconhecimento. Visto que estamos lidando com infâncias e crianças atravessadas por distintos atos de violência e de produção de subjetividades por vezes silenciadas. O estudo nasce das atividades e observações do Pibid em uma instituição pública que a todo momento põe em pauta as reais manifestações dos sujeitos frente às lacunas vividas em âmbito familiar e comunitário. Passamos a problematizar como a ausência de objetivos, sonhos, desejos e um modo de caminhar perspectivando o futuro, podem incidir significativamente na vida das crianças e nos desdobramentos na/da vida adulta. Portanto o estudo usa uma metodologia qualitativa, de caráter interpretativista, trazendo por meio de artefatos como desenhos, pinturas, rodas de conversa com as crianças, os sentidos necessários à compreensão do objeto. A constituição de um movimento de escuta sensível por meio dos (as) pibidianos (as), acerca do universo das crianças, produziu um outro olhar sobre o outro. As atividades mobilizadoras das vozes infantis foram marcadas por debates e por claras expressões de emoções, denotando quais e como podem demonstrar os sonhos. Os achados revelaram, de modo ainda inicial, um distanciamento entre o imaginário infantil e as possibilidades postas na realidade concreta. Falas que refletem a reprodução de contextos de exclusão e violência, evidenciando a premente necessidade de um trabalho que valorize o ato de sonhar como um espaço de resistência simbólica e construção da subjetiva infantil, mesmo em realidades adversas. Ancoradas em referenciais da psicologia do desenvolvimento, dos estudos da infância e da perspectiva educação crítica da educação, pensamos o sonho como ferramenta pedagógica promotora da escuta, da criação e da humanização.

Palavras-chave: infância, sonhos, resistência, vulnerabilidade social, formação docente.

INTRODUÇÃO

1 Pibidiana Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, dayane.lucio.2021@alunos.uneal.edu.br;

2 Pibidiana Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, gabriella.santos.2023@alunos.uneal.edu.br;

3 Pibidiana Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, nilda.nobre.2023@alunos.uneal.edu.br;

4 Pós-Graduação em Educação Psicopedagoga e Educação Especial pela UNIMINAS EAD, Supervisora da escola parceira do PIBID; mcamilaurentino@gmail.com;

5 Doutora em Educação. É professora Adjunta, com Dedicação Exclusiva, atuando como docente do Curso de Pedagogia da UNEAL - Campus II.socorro.macedo@uneal.edu.br

Habitamos em um mundo marcado por inúmeras desigualdades, principalmente aquelas no âmbito social, econômico e político. Em algumas localidades, consideramos atrozes os discursos e estereótipos acerca do território, em relevo àqueles que dizem das infâncias e das crianças. Pois, enaltecemos que a(s) infância(s) constituem um lugar em nada morre, muda ou acaba. A compreendemos como um território fértil, onde as vozes e diversas representações, nunca devem ser caladas, nem reforçadoras do medo. O ato de sonhar e sua importância, configura-se como um ato de resistência, que deve se conformar como força motriz, propulsora na infância do sonho e de múltiplos atos imaginativos, como forma de superar a imediatez social e educacional vivida, principalmente nos espaços do sertão de Alagoas

Desse modo, historicamente, a infância tem sido atravessada por disputas de significados e relações de poder. Sobremodo, em contextos periféricos marcados por vulnerabilidades sociais, como o Sertão Alagoano. Essas disputas se acentuam, resultando muitas vezes, em processos de silenciamento das infâncias — não apenas pela ausência da voz, do “grito”, mas pela ausência da escuta. Inseridas nesse cenário, como estudantes de Pedagogia e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvemos uma experiência investigativa em um 5º ano do ensino fundamental, numa instituição pública, onde os rastros deixados pelos marcadores sociais estão expressos no corpo e nas falas das crianças: violência doméstica, neurodivergências, uso de medicamentos de controle especial, agressividade e múltiplos tipos de abusos, gerando experiências traumáticas e desencorajadoras do ato de sonhar, aspirar de forma acolhedora e positiva o futuro.

Para iniciar o estudo/a intervenção desenvolvemos um trabalho que começou com uma atividade lúdico-reflexiva, propusemos que as crianças compartilhassem seus sonhos. O que poderia ser um exercício de projeção esperançosa revelou-se, em muitos casos, um retrato cruel da realidade: ausência de perspectiva, reprodução de padrões violentos e distorcidos de vida, como o relato de uma criança que traz: “quero ser agiota como o pai”. Esse dado simbólico, embora isolado, aponta para uma coletividade marcada por exclusão, ausência de valores morais e éticos, carência e falta de delimitação em torno da vida. Nesse contexto, compreender o sonho não como devaneio, mas como linguagem que expressa a subjetividade,

ao mesmo tempo, como espaço de resistência. Tal desdobramento em nossa prática pedagógica cotidiana, tornou-se central em nossa metodologia de pesquisa-ação.

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, teve como objetivos: (I) Promover um espaço de escuta das vozes infantis a partir de seus sonhos, dos aspectos imaginativos que constitui suas vidas; (II) Analisar os sentidos atribuídos ao ato de sonhar em contextos de vulnerabilidade; e (III) Refletir acerca das práticas pedagógicas e como podem contribuir para ressignificar essas narrativas. Para isso, utilizamos observação participante, registros etnográficos, escuta ativa e coleta de narrativas orais e gráficas das crianças. O estudo foi realizado com responsabilidade ética, garantindo o anonimato dos participantes e respeitando seus direitos de imagem e expressão, por meio dos termos de consentimento livre esclarecido, das crianças e dos pais.

Os dados revelam que, apesar do distanciamento entre sonho e realidade, há nos relatos infantis uma potência simbólica que não pode ser ignorada. Sonhar, mesmo quando tudo ao redor aponta para a impossibilidade, revela-se um ato de resistência ao processo imaginativo, visto que quando a criança sonha, mesmo inserida em uma realidade cercada de faltas problemáticas, ela constrói um caminho de esperança, possibilidades de um novo modo de caminhar que ainda não existe. Nesse sentido, o estudo reafirma o papel do educador como alguém que escuta, acolhe, ressignifica e amplia o olhar. Constituindo por meio do sonho, do desejo e de uma relação efetiva com outras realidades, um espaço político de afirmação da vida. As possibilidades de incentivar a criança produzindo um auto referencial positivo amplia consideravelmente a produção de uma auto estima positiva. Por conseguinte, defendemos que o espaço escolar precisa se constituir como território de (re)encantamento da infância, onde a criança pode imaginar, brincar, estudar, interagir com os colegas, onde o “sonhar” não seja um privilégio, mas paute-se nos direitos da criança.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), durante as atividades em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada no Sertão

alagoano. A escolha da turma ocorreu a partir da vivência semanal das bolsistas no espaço escolar, o que permitiu uma escuta atenta e sensível às demandas e singularidades do grupo.

O lócus da pesquisa é uma sala do quinto ano do ensino fundamental, composta majoritariamente por crianças em situação de vulnerabilidade social, com histórico de violência e dificuldades de aprendizagem. O ambiente escolar, embora tentando ser acolhedor, revela diariamente as limitações e desafios enfrentados por essas infâncias, muitas vezes silenciadas ou invisibilizadas pelas estruturas institucionais e sociais.

A atividade proposta consistiu em convidar os estudantes a desenharem a silhueta de suas mãos em folhas de papel e, no interior de cada mão, escreverem ou desenharem seus sonhos. A proposta, inicialmente “simples”, teve por objetivo mobilizar o imaginário infantil e compreender o que significa “sonhar” para essas crianças. Os dados foram registrados por meio da observação participante, anotações em diário de campo, fotografias (com consentimento da escola, dos pais e das crianças), análise dos desenhos e narrativas infantis.

Os sonhos revelados incluíram desde desejos comuns da infância, como “ter um cavalo”, “ser policial”, “conhecer a Disney”, até projeções mais complexas e socialmente marcadas, como “ter 100 milhões de seguidores”, “ser agiota”. Houve também sonhos que revelaram dores, afetos e carências, como “ter meu pai de volta”, “conhecer minha tia”, ou “ter uma irmã”. Cada manifestação foi analisada a partir da escuta sensível e do reconhecimento da potência simbólica que o sonho carrega como ferramenta de expressão subjetiva e resistência frente à dureza da realidade.

O trabalho respeitou os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, assegurando o anonimato dos participantes e o uso educativo dos registros. Embora não tenha sido submetido a um comitê de ética formal, as práticas foram orientadas pelo cuidado, pela escuta ativa e pelo compromisso com o bem-estar das crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar o sonho como um ato de resistência no contexto das infâncias, requer um olhar atento às múltiplas camadas de exclusão e invisibilidade que atravessam as realidades de

muitas crianças no Brasil. O sonho, longe de ser apenas uma fantasia ou um devaneio infantil, é compreendido aqui como um espaço simbólico, criativo e político, profundamente marcado

pelas experiências concretas e subjetivas do sujeito. Kohls, Martins e Bussoletti (2018) destaca:

“... é a partir do sonho diurno que podemos pensar em uma experiência da esperança, quando o ser humano se lança para o futuro. Assim, as infâncias que se apresentam em contextos trágicos ou periféricos nos possibilitam a pensar a esperança que surge enquanto forma de resistência.” p. 6

Os autores discutem a constituição do sujeito em contextos adversos, o ato de sonhar pode funcionar como um gesto de reinvenção do mundo, principalmente quando esse mundo nega à criança a possibilidade de existir em sua plenitude.

Vigotski aponta: de onde/como surge a imaginação? Sendo ela fruto de experiências vividas ou de elementos da realidade, ele ressalta como a imaginação pode se modificar diante de todas essas informações e usa o sonho como exemplo. Sonhar é muito importante, principalmente na infância, todas as crianças devem ter liberdade para sonhar em ser o que quiserem: brincar, imaginar, aprender e aproveitar essa fase de tantas descobertas. Porém, infelizmente para muitas crianças, a infância é um período traumático e a possibilidade de sonhar é completamente distante e silenciada.

Na perspectiva da psicologia do desenvolvimento, os sonhos infantis refletem conteúdos internos, angústias, desejos, medos e referências do cotidiano. Estudos demonstram que, entre os cinco e os doze anos, as crianças sonham com mais ação e intencionalidade do que os adultos (ARMENDRO, 2021; HONIG, 2011). Isso mostra que há, nos sonhos, uma dimensão ativa da infância: ela interpreta, transforma, reelabora. Sonhar, portanto, é também aprender e resistir. Nesse sentido, autores como Paulo Freire (1996) ressaltam a importância da esperança e do inédito viável como partes indissociáveis do processo educativo. Assim, o sonho, no contexto pedagógico, não é algo a ser tolerado, mas sim fomentado.

A pesquisa realizada por Edna Olímpia da Cunha (2023), ao tratar da infância quilombola, reforça a tese de que a valorização das narrativas infantis é um instrumento de justiça epistêmica. Quando escutamos crianças dizerem que sonham em "ser ladrão" ou "ser

agiota", como observamos na experiência relatada, não estamos diante de crianças perversas ou imorais, mas de sujeitos que, imersos em contextos de exclusão, reelaboram os modelos de

sucesso que lhes são disponíveis. São sonhos que falam da ausência do Estado, da desestrutura familiar, da violência e da reprodução da marginalização. Ao mesmo tempo, emergem sonhos como "ser professora de língua portuguesa", "ir para o Japão", "ter três gatos", "ser dançarino do Trem da Alegria" e "ter uma fábrica de cuscuz", que revelam criatividade, memória afetiva, desejo de pertencimento e afirmação identitária.

Autores como Gobbi (2024) e Gómez-Roch (2001) argumentam que a infância é um grupo social com cultura própria, e não apenas uma etapa preparatória para a vida adulta. Assim, é preciso reconhecer nas crianças sujeitos de direito, produtores de cultura e capazes de projetar futuros. O sonho, nesse contexto, é ferramenta de projeção de si no mundo — uma forma de disputar narrativas, de dizer "eu existo", "eu posso", "eu quero". Por isso, ao promovermos um espaço pedagógico em que o sonhar é legitimado, estamos também construindo possibilidades de resistir ao silenciamento, ao apagamento simbólico e à reprodução das desigualdades.

Dessa forma, este referencial teórico se ancora nas vozes da infância, nos estudos sobre a subjetividade em contextos de vulnerabilidade, na educação crítica e na potência do sonhar como ferramenta de escuta, resgate e transformação. Compreender o sonho como um direito pedagógico é também ampliar o campo de atuação docente e reafirmar que todo processo educativo é, em si, um ato político.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade proposta — desenhar a própria mão e, dentro dela, registrar ou ilustrar seus sonhos — permitiu acessar de forma sensível e simbólica o universo imaginativo das crianças da turma do 5º ano. A técnica, além de acessível e lúdica, revelou-se potente como dispositivo de escuta ativa e de análise do campo subjetivo em um espaço pedagógico marcado por desigualdades sociais.

Os dados foram sistematizados em três categorias analíticas: (1) **Sonhos de pertencimento e afeto**; (2) **Sonhos de ascensão e sucesso social**; (3) **Sonhos de reprodução da realidade violenta**.

1. Sonhos de pertencimento e afeto

Muitas crianças revelaram sonhos que envolviam laços afetivos ou desejos de estabilidade emocional: “ter uma irmã e conhecer a tia”, “ter meu pai de volta”, “ter três gatos e três cachorros”, “comprar uma casa para minha tia”, “ter um casal de gêmeos”, “ser livre e feliz”. Esses sonhos, ainda que simples, revelam carências profundas. Como destaca Cunha (2023), o afeto é uma dimensão política da infância, especialmente quando se faz ausente em contextos vulneráveis. Aqui, o sonhar aparece como tentativa de reconstrução de vínculos, de afirmação de uma subjetividade que clama por acolhimento e existência.

2. Sonhos de ascensão e sucesso social

Nesta categoria, surgiram desejos como: “ser youtuber famoso”, “ter 100 milhões de seguidores”, “ser modelo e estilista”, “ser cantora”, “ser policial”, “ser professora de língua portuguesa”, “ser artista”, “ter uma fábrica de cuscuz e um chapéu”, “morar nos Estados Unidos”, “ir para o Japão”, “ir para a Disney”, “ir para a Espanha”, “ser jogador de basquete”, “ser dançarino do Trem da Alegria”. Esses sonhos evidenciam como as crianças acessam, por meio da mídia, da escola ou da convivência comunitária, ideias de sucesso, beleza e reconhecimento. São sonhos que não ignoram a realidade — ao contrário, muitas vezes nascem dela —, mas revelam a busca por outros lugares sociais possíveis.

Esse conjunto de desejos reforça a noção de que o sonhar, mesmo em ambientes de extrema carência, permanece como uma linguagem de esperança e resistência, como sugerem Freire (1996) e Gobbi (2024). Aqui, o sonho opera como construção de identidade e como forma de imaginar-se fora do lugar da exclusão.

3. Sonhos de reprodução da violência simbólica

Entre os relatos, um causou grande impacto: “ser agiota igual ao meu pai”. Essa fala não foi tratada como exceções ou “problema”, mas como parte de um sistema simbólico que comunica muito mais do que parece à primeira vista. Ela revela a forma como essa criança

percebe os modelos de poder e sucesso que tem ao seu redor. Ao verbalizar esse sonho, a criança não está necessariamente expressando desejo criminal, mas talvez imitando ou

reagindo ao que é reconhecido em seu meio como sinônimo de força ou estabilidade econômica.

Como aponta Edna Olímpia da Cunha (2023), muitas vezes o discurso da criança é a única forma possível de narrar uma realidade que lhe é imposta. São sonhos que desafiam diretamente o que se espera do “ideal infantil”, mas que, por isso mesmo, precisam ser acolhidos e analisados com escuta ética, crítica e não punitiva.

A análise dos dados nos mostrou que sonhar é um ato de coragem e resistência, especialmente em realidades onde o futuro parece negado. O papel da escola, nesse sentido, vai além do currículo formal: deve ser espaço de escuta e cultivo dos sonhos. A mão desenhada pelas crianças transforma-se, metaforicamente, na ferramenta que escreve o próprio destino — ainda que com traços incertos, ainda que contra tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência permitiu visibilizar a potência do sonho como uma linguagem pedagógica e política na formação de crianças em contextos de vulnerabilidade social. Ao adentramos o cotidiano de uma turma do 5º ano no Sertão alagoano, como pibidianas e futuras pedagogas, encontramos infâncias atravessadas por dores, silenciamentos e ausências — mas também por criatividade, imaginação e desejo de existir de outras formas. A atividade realizada, embora simples em sua forma, revelou complexidade em sua essência: a mão desenhada tornou-se uma metáfora do sujeito que deseja, que aponta caminhos, que ousa projetar-se além da margem.

O que vimos e ouvimos exige da escola um posicionamento ético e político. Não basta alfabetizar, ensinar conteúdos ou cumprir metas. É necessário prestar atenção no aluno, é necessário escutar. Escutar os sonhos das crianças, ainda que pareçam desconectados da realidade, ainda que se distanciem das expectativas normativas do adulto, ainda que revelem

traumas. Sonhar é direito, é movimento de subjetivação, é prática de liberdade. Em tempos de apagamento simbólico e banalização da infância, sonhar é resistir.

A experiência também provocou em nós, pibidianas, a percepção de que o fazer pedagógico precisa estar alicerçado na escuta sensível e no compromisso com a dignidade das

crianças. O sonho, ao ser trazido para o centro da prática educativa, desloca a escola de seu lugar burocrático e a reposiciona como território de cuidado, criação e reconstrução de vidas.

Por fim, defendemos que novas pesquisas sejam realizadas com foco no imaginário infantil como ferramenta de transformação pedagógica e subjetiva. Ao legitimar o sonho como campo de investigação e ação docente, abrimos caminhos para uma educação mais justa, inclusiva e sensível às realidades plurais da infância brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de formação, escuta e intervenção na realidade educacional no Sertão alagoano. Estendemos nosso agradecimento à coordenadora do NID de Pedagogia, professora Maria do Socorro, pelo incentivo constante, orientação e apoio em cada etapa do processo. Também somos gratas à supervisora da escola parceira, professora Camila Laurentino, cuja sensibilidade, abertura e compromisso com a educação tornaram possível a realização desta experiência tão potente.

Nosso reconhecimento vai, especialmente, às crianças da turma do 5º ano, que confiaram em nós suas palavras, desenhos e sonhos. Que nossa escuta se transforme em ação e que nossos caminhos como educadoras sigam firmes na construção de uma pedagogia que acolhe, resiste e sonha.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Edna Olímpia da. *Tecendo (e)feitos ético-estéticos da escuta da criança como sujeito*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/20209/2/Tese%20->

[%20Edna%20Ol%C3%admpia%20da%20Gumia%20-%20202023%20-%20Completa.pdf](#)

Acesso em: 25 jul. 2025.

Honig, AS, e Nealis, AL (2011). Com o que as crianças sonham? Desenvolvimento e Cuidados na Primeira Infância , 182 (6), 771–795. 2010. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2069808851>

Acesso em: 25 jul. 2025

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PROVEDEL, D., PRISZKULNIK L. (2008). Freud e os sonhos de crianças. *Estilos Da Clinica*, 13(25), 232-249. 2008. Disponível em:
<https://revistas.usp.br/estic/article/view/46041>. Acesso em: 20 jul. 2025.

KOHLS Tatiani Müller, MARTINS Felipe da Silva, BUSSOLETTI Denise Marcos. Trama dos sonhos: infâncias, esperança e performance. Revista RELACult, v. 04, ed. especial , fev., 2018. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/783>. Acesso em: 19 jul. 2025.

GOBBI Márcia Aparecida. Liberdade! Liberdade? Os sonhos das crianças e o direito à moradia e à vida. Child Studies – Revista de Estudos da Criança, v. 5, 2024. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/childstudies/article/view/6081>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SOARES Daniela Alves. Como nascem os sonhos de jovens em desvantagem social?. Boletim de Educação Matemática (BOLEMA), Rio Claro, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/wCKd9sZmWZM6X7LbMtsppct>. Acesso em: 20 jul. 2025.